

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA
Simpósio do Clero

Fátima, 4 de setembro de 2018

TEMA

“O Padre: ministro e testemunha da alegria do Evangelho”

***I. A formação permanente:
ministério alegre e fecundo ao longo da vida.***

✠ Jorge Carlos Patrón Wong
Arcebispo-bispo Emérito de Papantla
Secretário para os Seminários

INTRODUÇÃO

Caríssimos sacerdotes e irmãos no episcopado, é com grande alegria que retorno a este belíssimo Santuário em honra a Nossa Senhora de Fátima.

Como é entusiasmante ver a Casa dedicada à Santa Mãe de Deus repleta com os seus filhos prediletos. **Qual mãe não se alegraria vendo sua casa ornada de filhos?** E todos os senhores vieram dos mais diversos lugarejos, vilas e cidades de Portugal para se reunirem aqui, aos pés da Virgem Maria.

Por isso, longe de estar limitado a mais um evento no horizonte dos nossos muitos afazeres, estes dias em Fátima serão para **renovar no Imaculado Coração de Maria a fecundidade do nosso sacerdócio**. Não tenho dúvidas de que todos os senhores aqui presentes, filhos desta pátria bendita e escolhida pela Santa Mãe de Deus para ser Arauto no mundo do Triunfo de seu Imaculado Coração, em algum momento da história de suas vocações tenham vivido uma marcante experiência de amor e devoção pela Santa Mãe de Deus: em família quando eram miúdos, ou com o antigo pároco e posteriormente irmão de presbitério, e quem sabe ainda, por várias vezes durante a formação no Seminário e nos momentos difíceis e alegres do ministério ordenado.

“Eis aí sua Mãe” (Jo 19,27) disse Jesus do alto da Cruz para o Apóstolo São João entregando-lhe como herança seu tesouro de amor, sua própria Mãe. **É através do Imaculado Coração desta Santíssima Mãe, refúgio seguro dos cristãos e Mãe dos sacerdotes, que nós seremos conduzidos as paragens serenas do Sagrado Coração de Jesus, onde se renovarão a força e a alegria do nosso coração sacerdotal**, para que este permaneça sendo **o fogo ardente do amor de Jesus pela salvação das almas**, como afirmou São João Maria Vianney.

Viver o ministério sacerdotal com grande alegria e fecundidade ao longo da vida é, sem dúvidas, o desejo que todos nós temos quando respondemos afirmativamente ao chamamento do Senhor.

De fato, a **alegria e a fecundidade**, são **notas características de uma vida alicerçada na fé, na verdadeira caridade cristã e cheia de esperança na Providência e na Fidelidade de Deus em suas promessas**, afinal, Ele, o único que tem *palavras de vida eterna* (cf. Jo 6,68), nos chamou para que vivamos e tenhamos vida em abundância (cf. Jo 10,10). Foi o próprio Senhor Jesus quem declarou a seus discípulos: **“Eu vos disse isso, para que a minha alegria esteja em vós, e a vossa alegria seja completa... Não fostes vós que me escolhestes; fui eu que vos escolhi e vos designei, para dardes fruto e para que o vosso fruto permaneça...”** (Jo 15,11.16).

Não há ato de caridade pastoral e de amor missionário que permaneçam no tempo e na história como fonte de alegria e luz para os povos, e que sejam sempre fecundos como o orvalho da manhã e as águas benfazejas da primavera, cujo princípio e motivo não estejam encerrados no mandamento de amarmo-nos uns aos outros. A medida para isso, é o amor que o mesmo Senhor demonstrou por nós (cf. Jo 15, 8-17); amando-nos ao ponto de “dar a vida por seus amigos” (Jo 15,13).

É este **o horizonte e o fim último da vida de um sacerdote**: estar unido a seu Senhor ao ponto de **dar a própria vida por amor de Cristo pela salvação das almas por Ele amadas**. Toda a formação sacerdotal “*entendida como um único caminho discipular e missionário*” (RFIS, 54) não tem outro objetivo que não seja esse, afinal, **somos discípulos do Crucificado**; por isso, tanto na formação inicial no Seminário, como na formação permanente durante o exercício ministerial, **não podemos jamais perder a consciência do fim último da vocação sacerdotal e da missão do sacerdote no mundo**, caso contrário, *arriscaremos de fragmentar ou desfigurar a identidade do próprio Cristo Sacerdote*.

A formação permanente, sobre a qual trataremos nesta conferência, pode ser vista como uma **constante dinâmica que acompanha toda a vida do padre**, cuja *finalidade é sua configuração sempre mais profunda com Jesus Cristo, Sacerdote e Bom Pastor*. Por isso, a alegria e a fecundidade no ministério sacerdotal não conhecem limites de desenvolvimento e, ao mesmo tempo, reclamam uma plenitude que somente o Senhor pode satisfazer, **neste mundo, pela obra do Espírito Santo** através dos **meios ordinários da Graça Divina** concedidos à Igreja *em favor dos sacerdotes para a própria conversão*, ou, **através dos dons extraordinários da Graça de Deus**, mediados pela intercessão da Santíssima Virgem, *em favor da santificação dos sacerdotes*, como verdadeira antecipação do mundo futuro, que se realizará na escatologia como aquela consumação de Amor que todos esperamos.

1. COMPREENSÃO ECLESIAL DA FORMAÇÃO SACERDOTAL PERMANENTE

Desde o Concílio de Trento que a Igreja procura intensificar a sua preocupação e cuidado com a formação dos sacerdotes através de modelos e métodos formativos dos mais variados possíveis, tendo sempre o cuidado em não se afastar da verdadeira identidade sacerdotal, mesmo quando precisa lançar mão de diferentes recursos científicos para compreender melhor as necessidades humanas daquele homem de fé chamado padre.

Nesse percurso eclesial, pontuando um momento histórico próximo dos nossos dias, enfatizamos o ano de 1979, quando, São João Paulo II, ao dirigir-se aos sacerdotes na Quinta-feira Santa, afirmou que a formação permanente “*deve ser tanto interior, ou seja,*

que mire a vida espiritual do sacerdote, como pastoral e intelectual”, indicando deste modo a **sua preocupação em favorecer um crescimento harmônico entre demandas humanas e espirituais.**

Em efeito, a compreensão eclesial daquela proposta de 1979 foi amadurecendo à medida em que se consolidava a consciência de que, apesar das grandes mudanças sociais, ideológicas e científicas que o mundo assistia naquelas últimas décadas, ***a formação contínua não poderia ser reduzida a mera atualização da formação recebida pelos sacerdotes no Seminário e nem ser o palco dos variados ensaios das mais estranhas criatividades sobre uma “nova forma de ser padre”.*** A **necessidade da formação permanente brota do próprio dom recebido**, no sentido de que cada sacerdote, ***sem abandonar ou substituir sua identidade sacerdotal***, deve prosseguir configurando-se cada vez mais profundamente com Jesus, Servo e Bom Pastor.

Sobre a pessoa do padre, cuja identidade sacerdotal, intrinsecamente, é bem definida, diversas vezes durante o exercício do seu ministério pastoral, por causa de necessidades do momento histórico, se impõem extrinsecamente outras identidades para as quais ele nem sempre poderá renunciar. Por exemplo, em alguns casos o padre também é a autoridade acadêmica local, ou o representante da liderança social e civil mais prestigiada e idônea, ou a referência mais equilibrada para repropor passos para a organização da ordem pública ou para a assistência aos mais necessitados materialmente. ***Apesar da demanda ou das satisfações e méritos que estas “identidades extrínsecas” agreguem à vida do padre, nenhuma delas deverá adquirir prioridade em relação as suas escolhas como sacerdote.***

Em atenção a esta realidade que poderia levar a certa dispersão da verdadeira identidade sacerdotal, no ano de 1992, a Exortação Apostólica Pós-Sinodal, *Pastores dabovobis*, afirmou que ***“desde o seminário maior é preciso preparar a futura formação permanente e fomentar o ânimo e o desejo dos futuros presbíteros em relação a isso, demonstrando sua necessidade, vantagens e espírito, e assegurando as condições para tal realização”*** (PDV, 71). Em 1994, na primeira edição do ***Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*** (nn. 69-97), foi oferecida uma apresentação sistemática da compreensão eclesial até então alcançada sobre a “formação permanente” e sua importância. Já no ano de 2013, recolhendo-se as reflexões eclesiais posteriores, em especial, com os frutos do Ano Sacerdotal de 2009 convocado pelo Papa Bento XVI, foi publicada a segunda edição do ***Diretório*** (nn. 87-115).

Em 2016, com a motivação do Santo Padre Francisco, a Congregação para o Clero publicou o documento ***“O Dom da Vocação Presbiteral”***, também chamado de “nova” ***Ratio Fundamental*** *Intitutionis Sacerdotalis* (RFIS), e uma das novidades em destaque é a especial atenção à ***“unidade e continuidade na formação do clero”***, desde as experiências básicas dentro das famílias até o momento de deixar esse mundo para unir-se a Cristo nos

céus. Em particular, cabe sublinhar a especial preocupação com a íntima continuidade entre a formação sacerdotal inicial no Seminário e a formação permanente na vida e no ministério dos sacerdotes. O n. 56 do documento, delinea os elementos fundamentais de uma reflexão eclesial mais amadurecida a respeito da formação permanente.

O documento “*O Dom da Vocação Presbiteral*” é fruto de um trabalho de mais de três anos de duração, começado a partir de 2013 quando o Papa Bento XVI uniu a solicitude e o cuidado pela formação inicial e permanente do clero sob a competência de um mesmo Dicastério:

« *A formação permanente representa uma necessidade imprescindível na vida e no exercício do ministério de cada sacerdote; de fato, a atitude interior do sacerdote deve ser caracterizada por uma disponibilidade permanente à vontade de Deus, seguindo o exemplo de Cristo. Essa implica uma contínua conversão do coração, a capacidade de ler a vida e os fatos à luz da fé e, particularmente, à luz da caridade pastoral, para um dom total de si à Igreja segundo o desígnio de Deus*» (RFIS, 56).

Analisemos brevemente os elementos aqui expostos para aprofundarmos algo a mais sobre eles.

a) *A formação permanente representa uma necessidade imprescindível na vida e no exercício do ministério de cada sacerdote:*

Esta necessidade brota tanto de razões teológicas, como humanas. As razões teológicas o Apóstolo Paulo apresenta a Timóteo com toda clareza: “Por isso, quero exortarte a reavivar o carisma que Deus te concedeu pela imposição de minhas mãos” (2Tm 1,6). “*Reavivar o dom de Deus*” comporta dois aspectos intrinsecamente ligados: por um lado, o dinamismo do Espírito Santo que acompanha o “dom de Deus” recebido e que permite que seja “novamente permanente”; e por outro lado, a responsabilidade do receptor desse dom de reavivá-lo como se faz com o fogo proveniente das brasas embaixo das cinzas. Se trata da complementariedade, querida e promovida pelo Senhor, – entre a Sua iniciativa e a resposta humana de cada sacerdote.

Em relação as razões humanas, a necessidade imprescindível da formação permanente de cada presbítero se fundamenta nas exigências naturais de sua progressiva realização como homem que vive **em um tempo real e definido: a maturação pessoal**, especialmente em sua relação com os demais e na aceitação de si mesmo à luz do Evangelho; **a atualização dos meios idôneos para o exercício do seu ministério** como acontece em qualquer outra profissão; **a compreensão adequada do tempo presente em que vive, suas tensões e contrastes com o Evangelho.**

b) ... *de fato, a atitude interior do sacerdote deve ser caracterizada por uma **disponibilidade permanente à vontade de Deus**, seguindo o exemplo de Cristo:*

A disponibilidade permanente à vontade de Deus *é a **atitude interior que se escolhe como meta de vida*** e que progressivamente se espera atingir como síntese das razões que acabamos de expor acima, as quais iluminam o significado da formação permanente, isto é, que auxilia na superação da contínua tensão em querer dar maior atenção, espaço e privilégios a própria vontade e ao amor por si mesmo em detrimento ou em ato de velada resistência a Vontade de Deus. Não foi sem razão que, após a sua Ressurreição, Jesus fez esta grande proposta ao Apóstolo Pedro às margens do mar da Galileia, depois de ter renovado sua fé, encorajado-o em seu amor e curado os efeitos da sua traição: *“tu, porém, segue-me”* (Jo 21,19). Ele outra vez o coloca no caminho com sua exortação.

c) *Essa implica uma contínua conversão do coração, a capacidade de ler a vida e os fatos à luz da fé e, particularmente, à luz da caridade pastoral, para um dom total de si à Igreja segundo o desígnio de Deus:*

A disponibilidade interior se exprime na vivência sacerdotal que **supõe uma aprendizagem necessária para chegar ao âmago de sua própria vida**, com sinceridade, verdade e profundidade, para desta forma poder guiar com sábio discernimento a comunidade cristã a ele confiada, confrontando sua existência com os valores do Reino de Deus e do seguimento de Cristo, para que consigam viver integralmente a própria vocação. Aproveito aqui para falar de maneira direta que, para isso acontecer, o sacerdote necessita de um acompanhamento bem preparado e sistemático, além da proximidade amiga e santificante de outro sacerdote.

2. ALGUMAS NOTAS FUNDAMENTAIS DA FORMAÇÃO PERMANENTE

Quero agora apresentar algumas notas fundamentais da formação sacerdotal permanente à luz da leitura dos parágrafos sobre a **formação permanente** apresentada no Quarto Capítulo do documento *“O Dom da Vocação Presbiteral”* (nn. 80-88).

a) **Uma única experiência discipular.**

A formação sacerdotal pertence a *“uma única experiência discipular daqueles que são chamados ao sacerdócio, e que jamais se interrompe”* (RFIS, 80). Como bem sabemos, a formação permanente tem suas raízes na formação inicial, e, se podemos observar mais amplamente, na formação cristã prévia ao Seminário, principalmente na família, na paróquia e na escola. Repropor o sacerdócio como caminho de santidade, supõe que certos valores já sejam defendidos e atuados dentro dos Seminários e nas famílias. **Todos os aspectos da formação inicial devem continuar crescendo e aprofundando-se na formação permanente.** É muito mais difícil perseverar em certas práticas espirituais e trabalhar certas paixões interiores, quando estas se tornam desordenadas, se durante o tempo de Seminário

isso não foi uma constante quotidianamente. Por isso, a formação permanente não é uma repetição daquela inicial; nem tão pouco um “tapa buracos”, nem uma mera prática de atualizações para a incorporação de temas ou técnicas novas de caráter pastoral, similar a uma capacitação profissional contínua.

A formação permanente consiste na «*continuação natural daquele processo de construção da identidade presbiteral que teve início no Seminário e se cumpriu sacramentalmente na ordenação sacerdotal, com vista a um serviço pastoral que a faz amadurecer ao longo do tempo*» (RFIS, 81).

b) Processo gradual e contínuo.

A formação permanente consiste ainda em um “*processo de gradual e contínua configuração com Jesus Cristo*”, Sacerdote e Bom Pastor, sob a ação do Espírito Santo (RFIS, 80). É fazer o nosso *modo de ser e viver*, tornar-se como aquele de Cristo, o “*que constitui um modo permanente de crescimento interior da pessoa*” (SS. FRANCISCO, *Discurso na Plenária da Congregação para o Clero*, 3 de outubro de 2014).

Entender a formação permanente como um “processo”, significa que necessariamente comporta etapas, e que estas sejam *graduais* e *contínuas*. Isso implica a existência de elementos que se sobreponham em uma dinâmica construtiva. Por exemplo, não há como enfrentar as dificuldades da vida sacerdotal como a rejeição ao anúncio evangélico por parte do povo de Deus, ou a solidão típica da condição de pastor de almas, ou o eventual abandono e escassa atenção dos superiores, ou as dificuldades com calúnias e mentiras contra a nossa boa fama, ou ainda a dura dor da traição na lealdade e amizade de um irmão sacerdote ***apenas com recursos do ponto de vista humano***, porque, para suportar essa face da Cruz de Cristo presente no sacerdócio, é necessário um forte e significativo crescimento na fé e na vida diária de oração. Por mais que se apliquem os meios de justiça e de assistência humana, bem como se estabeleçam novas medidas corretivas mais adequadas sobre a vida fraterna, permanecer em uma mentalidade de “pastoralismo” desenfreado, onde o silêncio interior, a oração, a direção espiritual e o recolhimento pessoal sempre venham deixados para depois, que não se define bem quando será, é realmente algo pouco eficaz.

Com esta observação, se percebe a concorrência, por um lado, da ***ação divina do Espírito Santo***, que realiza em nós a conversão, a cura de nossas feridas e a configuração a Cristo (cf. 2Cor 3,5-6.8.18), e por outro, **a ação da resposta humana**, como **participação nesse processo conduzido pelo Espírito Santo**, que desafia e impulsiona o sacerdote ***a pôr-se em um esforço maior para corresponder ao dom recebido e defender aquilo que é essencial para a união com Cristo*** (cf. 2Cor 6,3-4; Fil 3,13-14).

A vocação presbiteral é dom para a edificação da Igreja, e nós o levamos em vasilhas de barro (2Cor 4,6), por isso, implica nosso sério compromisso e responsabilidade para

avivá-lo sempre e em todas as etapas de nossa vida sacerdotal (cf. 2Tim 1,6). A RFIS usa a expressão “*alimentar de maneira constante a ‘chama’ que dá luz e calor ao exercício do ministério*” (RFIS, 81), citando a *Pastores dabó vobis*, e nos recordando que essa chama também é parte da caridade pastoral, “*alma e forma da formação permanente*” (PDV, 70).

c) Buscar a fidelidade ao ministério sacerdotal.

O propósito da formação sacerdotal é o de “*procurar garantir a fidelidade ao ministério sacerdotal*” (RFIS, 81). Antes de pensar qualquer outra coisa, ***a fidelidade ao dom recebido como “finalidade da formação permanente” diz respeito ao amor pelo Doador e a perseverança na relação com Ele.*** Portanto, o sacerdote como pastor recebe o cuidado de seu rebanho (cf. Jo 21,15-19), **não para si**, nem como uma ocupação religiosa, ou em boa fé e boa vontade, **mas por causa de sua fidelidade e amor pelo Senhor Jesus.**

A excelência de seu pastoreio na santidade dependerá da sua grande renúncia e sacrifício em não fazer deste um pastoreio “seu” e “para si”, afinal, esta é uma das tentações mais fortes na vida dos padres, já que nos traz maior segurança em nós mesmos para evitar o sofrimento provocado pela imperfeição dos outros que se relacionam conosco. Não é tarefa fácil se deixar em tudo guiar pela Vontade de Deus, ainda mais quando milhares de almas com todos os seus conflitos, contradições e dramas estão confiadas ao nosso discernimento. Entretanto, ***quanto mais Cristo se torna Senhor e Pastor de nossas almas, mais será Senhor e Pastor por nossos irmãos.***

No CIC se especificam as obrigações dos clérigos e todas elas estão relacionadas com uma dupla relação: por um lado, com o Bom Pastor e, por outro, com o seu rebanho. Outro modo de contemplar esta mesma realidade é a partir do ponto de vista dos direitos do Povo Santo de Deus. Em efeito, o povo de Deus tem direito a receber de seus pastores a palavra de Deus, os sacramentos, o serviço da caridade, e o testemunho de uma verdadeira santidade, não apenas desejada, mas meça em ato. ***Sacerdotes maduros, bem formados e realmente comprometidos com o desejo de serem santos, podem responder a esse “direito da parte dos fiéis, sobre os quais recaem positivamente os efeitos da boa formação e da santidade sacerdotal”*** (RFIS, 82).

d) Conversão contínua.

O estilo fundamental da formação permanente se desenvolve “em um caminho de contínua conversão” (RFIS, 81). Esta é a maneira de alcançar a fidelidade ao ministério recebido e, também, de “reavivá-lo” (cf. 2Tim 1,6). Convertermo-nos a “cada dia” em nosso caminho de discípulos do Senhor (cf. Lc 9,23) **é parte de um sadio realismo evangélico para todos nós cristãos, e o é ainda mais para nós, sacerdotes,** tendo em vista a nossa experiência quotidiana como pecadores e o chamamento que recebemos em nome do Senhor para sermos santos e para lançamos as redes, porque Ele fez de nós pescadores de homens (cf. Lc 5, 1-11).

Por isso, a formação permanente, como repetimos, **não pode ser entendida como uma capacitação profissional, mas como um processo de maturação interior**, que também comporta luta e ascese em Cristo, além da purificação de nossos afetos e paixões desordenadas.

Como é dramático ver que **muitos sacerdotes** por causa de certo desencorajamento interior ou por desilusões com o contra testemunho presente na própria Igreja **não falam da santidade com um fervoroso desejo e nem como sendo a sua escolha real de vida, e deixam de motivar o povo de Deus e os seminaristas** a buscarem primeiro o Reino dos Céus e a se esforçarem para poder um dia contemplar a face de Deus (cf. Mt 5,8). Algumas vezes a banalização ou pouca reverência pela vontade e empenho em ser santo vem justificada com uma fria afirmação da constatação de um dito, “realismo dos fatos”, que na verdade é um resumo do que há de pior a respeito do pecado e do falimento humano apresentado genericamente como sendo a “verdade desanimadora sobre o homem”. Nestes momentos eu me pergunto, mas onde está a fé que anuncia Cristo Ressuscitado para a ressurreição do homem morto pelo pecado (cf. Gal 2,20)?

Entretanto, não nos esqueçamos que *Nosso Senhor não mudou sua Palavra que nos chama a real e possível santidade de vida*, e que pelo seu Sangue continua perdoando, unguindo, curando e fortalecendo àqueles que escolheu para si. Não tenhamos medo de sofrer com paciência no caminho da verdadeira humildade reconhecendo nossos pecados e detestando-os quantas vezes for preciso até que o Senhor nos dê a graça de não serem mais um peso real, nem um remorso na alma (Sto. Afonso Maria de Ligório), confiando naquilo que Ele mesmo disse a São Paulo: *“Basta-te a minha graça; pois é na fraqueza que a força se realiza plenamente”* (2Cor 12,9). **Não tenhamos medo de sofrer para abandonar aquilo que ofende a Deus** (Sto. Inácio de Loyola), nem de declarar publicamente com nossos atos que é em Sua Palavra onde está nossa esperança e salvação (cf. Lc 5,5; Jo 6,68). Por fim, com total confiança, será através dessa mesma Palavra que entregaremos tudo de nós mesmos.

Assim, por exemplo, São Paulo recomendava a Timóteo: *“Esforça-te por te apresentares a Deus como homem provado... Foge das paixões da juventude, busca a justiça, a fé, o amor, a paz...”* (2Tim 2, 15.22).

É urgente que entre nós e por nós **seja anunciado e vivido o temor a Deus; o amor por uma vida modesta**, mas rica na alegria própria de quem escolhe a pobreza evangélica; **o zelo pela pureza de coração e pela sobriedade na postura sacerdotal; o silêncio e a piedade; o amor ardente e devoto pela Santa Mãe de Deus e da Igreja**, afim, são estas escolhas e tantas outras que *forjaram os santos sacerdotes da Igreja e ainda hoje é a resposta eficaz para a santificação do mundo e dos sacerdotes*. E mesmo que o mundo não tenha interesse por ouvi-las, **elas não perdem o seu valor de verdade última e irrevogável**.

Compete sobretudo a nós como sacerdotes, animar, motivar e acompanhar os seminaristas na valorização, prática e crescimento nestes valores tipicamente sacerdotais.

e) Concreta, encarnada na realidade presbiteral.

A formação permanente “*deve ser concreta, isto é, encarnada na realidade presbiteral, de maneira que todos os presbíteros possam efetivamente assumi-la*” (RFIS, 82). Eis aqui uma outra nota de realismo. O discernimento sobre os temas e os meios para a formação permanente **supõe a participação de todo o presbitério, tanto para a definição dos temas mais importantes quanto para a viabilidade das ações comuns.**

Para um padre o seu **presbitério deve ser sempre o lugar seguro para encontrar a ajuda e a assistência necessária nas horas difíceis (cf. Pr 17,17)**. Um presbitério marcado por rivalidades, contendas, ambições pessoais, rancores quase invencíveis, etc, não é um lugar sadio nem mesmo para um não cristão, quanto mais para um sacerdote poder encontrar ajuda nas horas difíceis. É necessário que desde o período do Seminário a amizade sacerdotal seja uma nota concreta para a formação permanente. Não se trata de um “coleguismo prático”, nem de uma “cumplicidade de vontade e de estilo de vida”, mas de uma verdadeira amizade, *alicerçada na verdade, na sinceridade e educada à luz da fé*, para saber *suportar, cuidar e superar os erros e misérias humanas que estarão presentes no outro e em nós*, de maneira que os vínculos de amizade criados nos ajude a abraçar o outro em toda a sua humanidade como obra da Redenção de Cristo (cf. Sb 11,21-12,2 e Jo 15,14).

Eis uma realidade presbiteral que urge nosso interesse: ***o presbitério precisa ser um lugar de edificação espiritual e de vida para todos os padres e para o Bispo***, afim de que seja também, a grande expressão de comunhão na vida dos leigos daquela Igreja particular.

Essa é uma nota complementar àquilo que fora falado anteriormente sobre a gradualidade, pois supõe itinerários concretos de crescimento (cf. RFIS, 82).

f) Responsabilidade pessoal e corresponsabilidade eclesial.

Como acabei de dizer, a formação permanente implica à responsabilidade pessoal de cada padre, do senhor Bispo e a corresponsabilidade de toda a comunidade eclesial.

A primeira responsabilidade do processo recai sobre cada sacerdote que é “*o primeiro e principal responsável pela própria formação permanente*” (RFIS, 82) e por consequência, o “co-promotor” em Cristo da unidade presbiteral, afinal, nosso Senhor, que nos ama a todos, divide conosco o seu zelo amoroso por nosso presbitério. Pois, no dia de nossa ordenação diaconal, fomos todos introduzidos em um presbitério, antes mesmo de recebermos qualquer ofício eclesiástico, por isso, se reconhecemos que o Senhor nos chama a santificarmos o lugar onde por Ele somos enviados a estar “*como discípulos missionários*”

(RFIS, 44), *é a santificação do nosso presbitério a nossa primeiríssima missão como clérigos e padres que somos.*

A formação permanente também é uma tarefa de “corresponsabilidade” eclesial, com a participação do Bispo, dos demais padres e também do povo de Deus. Portanto, a corresponsabilidade envolve inicialmente a responsabilidade pessoal do Bispo diocesano e do grupo de padres ou do padre que foi oficialmente encarregado para o serviço da formação permanente (RFIS, 82). No documento sobre “*O Dom da Vocação Presbiteral*” também se indicam especificações de algumas responsabilidades nas distintas etapas da formação sacerdotal, que descreveremos mais adiante (cf. RFIS, 83-88).

Em efeito, “*o primeiro âmbito em que se desenvolve a formação permanente é a fraternidade presbiteral*” (RFIS, 82). ***Essa fraternidade não é meramente exterior, mas interior: é propriamente uma “fraternidade sacramental”*** (cf. RFIS, 87; *Presbyterorum Ordinis*, 8). Essa fraternidade se percebe concretamente em diversos momentos: **encontros fraternos, direção espiritual e confissão, exercícios espirituais, mesa comum, vida em comum, associações sacerdotais** (cf. RFIS, 88). Também se concretizam nas “*iniciativas de apoio aos sacerdotes criadas para a assistência a sacerdotes que exercem o seu ministério numa mesma área geográfica, num mesmo ambiente pastoral, ou em torno de um mesmo projeto*” (RFIS, 86).

Se deve agregar ainda a formação permanente dos sacerdotes gestos específicos que concretamente favorecem e realizam a fraternidade presbiteral:

- Acompanhamento dos irmãos que estão nos primeiros anos após a ordenação sacerdotal, para ajudar “*os jovens sacerdotes a viver uma pertença cordial e ativa à vida de todo o presbitério diocesano*” (RFIS, 83).
- O pároco e/ou responsável pela unidade pastoral, para o qual foram enviados os novos sacerdotes, devem oferecer-lhes “*acompanhamento pessoal*” para “*promover e sustentar as suas qualidades, para que possam abraçar com entusiasmo os primeiros desafios pastorais*” (RFIS, 84).
- “*Demonstrar proximidade*” para com os coirmãos enfermos e/ou anciãos.

A corresponsabilidade da formação sacerdotal permanente compete ainda ao povo de Deus, mas de que modo? Muitos leigos e pessoas consagradas ***cooperam com suas orações, participação pastoral e proximidade amiga para a formação permanente de seus sacerdotes***. Os leigos e consagrados, ademais, estão chamadas em razão de seus carismas ou competências profissionais a prestar serviços específicos na formação sacerdotal permanente: na direção e aconselhamento espiritual, outros com o acompanhamento para o crescimento vocacional, ou especialistas em outras artes e ciências.

Também *na fraternidade com os leigos e as pessoas consagradas, os sacerdotes enriquecem continuamente sua formação*, e, em particular, podem acolher seus conselhos, seus estímulos e, sobretudo, suas correções fraternas.

3. SITUAÇÕES EM QUE SE DESENVOLVE A FORMAÇÃO PERMANENTE

O documento “*O Dom da Vocação Presbiteral*” apresenta a adequação da formação permanente para dois grupos de sacerdotes que se encontram em etapas de vida e do ministério sacerdotal características, que normalmente tendem a coincidir com grupos de idade bastante homogêneos: o grupo com *aqueles que seguem seus primeiros anos após a ordenação sacerdotal* e o *grupo daqueles com alguns anos de experiência ministerial*. Entretanto, não podemos esquecer da situação dos sacerdotes enfermos e/ou anciãos que requer uma assistência especial.

a) “*Os primeiros anos que se seguem após a ordenação presbiteral*” (RFIS, 83)

Nos primeiros anos de vida e exercício do ministério, a formação permanente aponta para *a aquisição de um certo grau de consolidação do dom da vocação presbiteral*, que se constata pela **presença de atitudes fundamentais de maturidade** supostamente já iniciadas durante a formação inicial. Estas constituem referências importantes para nutrir o carisma recebido e permitem o seu constante “reavivar” (cf. 2Tim 1,6):

- Fidelidade ao encontro pessoal com o Senhor (*oração pessoal, Liturgia das Horas, adoração eucarística regular e devoção e amor a Virgem Santíssima*).
- Fidelidade ao próprio acompanhamento espiritual (*direção espiritual e confissão regular*).
- Disponibilidade e interesse por consultar e ouvir os conselhos de sacerdotes mais experientes.
- Capacidade de estabelecer relacionamentos de colaboração e partilha com outros padres de sua mesma geração e das demais gerações.
- Capacidade de ouvir e acolher as opiniões, críticas e conselhos dos fiéis leigos, bem como a capacidade de integrá-los ao serviço pastoral dando-lhes um adequado acompanhamento como Pastor e formador.

Como foi dito anteriormente, o desenvolvimento e melhoria destas atitudes não compete apenas aos esforços dos sacerdotes jovens, mas supõe ainda a ajuda direta do Bispo diocesano, dos demais irmãos de presbitério, e dos membros do povo de Deus.

b) “*Depois de alguns anos de experiência pastoral*” (RFIS, 84)

Na idade que poderíamos chamar de intermediária, a formação permanente diz relação principalmente com os “novos desafios, concernentes ao ministério e a vida do

presbítero” que surgem, normalmente, depois de alguns anos de experiência presbiteral. O n. 84 da RFIS enumera vários desses, que mais do que “problemas característicos de uma etapa da vida”, *devem ser considerados como “oportunidades” para que o sacerdote amadureça a fim de enriquecer a si mesmo e a sua comunidade* ao “reavivar o dom recebido” (cf. 2Tim, 1,6):

- **“A experiência da própria debilidade”**: ou seja, as “contradições” e inconsistências que afloram, porque permaneceram presentes em nossa personalidade e ainda precisam de tempo para serem completamente ordenadas a Deus para a maior glória do seu Santo Nome.
- **“Sentir-se funcionários do sagrado... sem um coração de pastor”**: isto é, a eventual perda ou desgaste da identidade paterna do sacerdote como Pastor e Pai na fé de uma inteira comunidade (cf. 1Cor 4,15).
- **“O desafio da cultura contemporânea”**: suas problemáticas e propostas de estilo de vida, relações interpessoais e sociais, que muitas vezes se opõem frontalmente ao Evangelho e seus valores, expõem o sacerdote a certa oposição formal e, por conseguinte, uma baixa popularidade até mesmo entre os seus paroquianos, ao defender e pregar aquilo que pede o Evangelho e que seja digno de um verdadeiro estilo de vida sacerdotal.
- **“A atração do poder e da riqueza”**: que chega como uma forte tendência a autopreservação e a busca da própria segurança afetiva e material, limitando quase de maneira imperceptível a abertura e a fé do sacerdote na Providência Divina.
- **A vivência do celibato em um ambiente cultural que proclama a satisfação quase exclusiva das próprias necessidades como virtude**, e que expõe as pessoas a uma verdadeira precariedade afetiva, favorecendo todo tipo de regressão afetiva que se faz sentir fortemente dentro das tensões pastorais e no presbitério, criando medos e desconfianças no coração do padre sobre a sua “entrega total ao próprio ministério” e produzindo grande agitação em sua vida: “perda de tempo, cansaços, e a natural estafa física...”. Tudo isso limita e/ou esteriliza a fecundidade espiritual advinda do celibato sacerdotal.

É preciso notar que ao se enfrentar qualquer um desses desafios, fazendo experiência da própria fragilidade, como tenho certeza que todos nós em algum momento da vida já fizemos, se consegue *ganhar maior humildade e confiança na ação misericordiosa do Senhor*, cuja força se mostra plenamente em nossa fragilidade (2Cor 12,9), *e na compreensão benévola em relação aos demais irmãos e suas misérias humanas* (cf. RFIS, 84). Em efeito, ter enfrentado uma crise por causa de uma debilidade, mas, **sob a luz da fé e amparados pela Virgem Santíssima**, nos permite adquirir *uma experiência de profunda sabedoria e libertação para a própria formação permanente*, através da qual se aprende os verdadeiros instrumentos da graça de Deus para saber agir com discernimento na hora de aplicar a compreensão e a misericórdia em favor dos irmãos e do povo de Deus (RFIS, 43).

Isso não pode deixar de ser promovido e estimulado desde o período da formação inicial, mas ganhará traços de um aprendizado tipicamente robusto na formação permanente.

A RFIS dá a chave para se viver todos e cada um desses desafios como oportunidades de amadurecimento do dom da vocação presbiteral que recebemos: primeiramente, não se isolando e abrindo-se a proximidade e ao acolhimento da ajuda oportuna, seja no seio da própria família presbiteral (com o Bispo e demais irmãos sacerdotes), ou seja aquela oferecida pelo restante do povo de Deus, em especial, no eventual apoio profissional de especialistas em ciências humanas que sigam as orientações da Igreja referentes a estes temas.

Permitam-me insistir no acompanhamento entre os sacerdotes: trata-se de uma atitude muito enriquecedora, porque todos nós enfrentamos os mesmos desafios e estamos chamados a sermos os primeiros a ajudar nossos irmãos. Por isso, **seja a direção espiritual, assim como a pronta disponibilidade para a oferta do sacramento da reconciliação, são os dois serviços mais necessários que podemos oferecer pelo bem de um irmão sacerdote.** São possíveis ainda outros tipos de acompanhamentos e ajudas dentro de uma comunidade sacerdotal, mas todos derivam da regularidade destes dois e de seus frutos.

c) Quando se necessita receber assistência por causa de enfermidade e/ou velhice (cf. RFIS, 85)

Os sacerdotes enfermos e/ou anciãos colaboram na missão da Igreja com “*seu próprio testemunho e são um sinal eficaz e eloquente de uma vida entregue ao Senhor*” (RFIS, 85), particularmente, em favor de seus irmãos de presbitério. É importante fazer com que se sintam realmente ativos “no presbitério e na vida diocesana”, visitando-os com frequência e mostrando-nos próximos em suas necessidades.

4. CONCLUSÃO

A formação permanente sacerdotal acompanha toda a nossa vida como pastores, nos permite alcançar e viver a figura de Cristo, Bom Pastor, com maior profundidade, experimentando o gozo de entregarmo-nos por inteiro na vida ministerial pela salvação de nossos irmãos. Mas não somente isso, também acende e anima a alegria de ser uma comunidade e família sacerdotal.

Em efeito, em nossa vocação não estamos e jamais estaremos sozinhos, caminhamos juntos, somos irmãos sacerdotes em vida fraterna e a serviço da Igreja pela salvação dos homens, colaborando na missão comum que o Senhor nos confiou, sob a guia paterna do Bispo e sustentados pela intercessão amorosa e materna do Imaculado Coração de Maria, única intercessão capaz de sustentar um sacerdote em suas provações (cf. São Padre Pio).

Somos realmente responsáveis uns pelos outros: as alegrias e êxitos de nossos irmãos são de toda a família presbiteral, e também os sofrimentos e necessidades de cada irmão são de todos nós. Ademais, em nossa vocação, caminhamos unidos a todo o povo de Deus, ao qual servimos e que colaboram com a nossa formação e para a nossa salvação.

Permitam-me poder concluir com umas breves palavras sobre a fraternidade sacerdotal, onde, por primeiro, se desenvolve a formação permanente (cf. RFIS, 82).

Estas palavras eu recolho do Beato Mons. Óscar Arnulfo Romero, Arcebispo mártir de San Salvador:

Eu quero dizer-vos que o Bispo não espera outro que a unidade com o seu clero e que nada lhe pode afligir mais do que o cisma, a separação, a desunião entre seus sacerdotes. O povo reclama esta unidade de nossa parte porque são eles a sofrerem como vítimas desta desunião, caso exista. Assim como também é o povo aquele que se beneficia da exuberância de uma vida espiritual na medida em que permanecemos unidos com o bispo, e o bispo, por sua vez, com os seus sacerdotes tratando de serem fonte daquela graça que repartem com Cristo Nosso Senhor.

Muito obrigado aos irmãos Bispos e sacerdotes aqui presentes, por suas vidas e serviço ministerial; obrigado em especial a todos aqueles que dentre vós dedicam um especial esforço no serviço pelos vossos irmãos sacerdotes na formação permanente.

Que a Virgem Santíssima de Fátima nos faça sempre mais fieis a Jesus, o Bom Pastor, obrigado a todos pela escuta e atenção.

✠ Jorge Carlos Patrón Wong
Arcebispo-bispo Emérito de Papantla
Secretário para os Seminários